



AS TELAS DO ALTAR-MOR DA IGREJA DE S. MIGUEL DE ACHA, SEGUNDO O PROFESSOR VITOR SERRÃO



Foto Vitor Serrão

ÍNDICE

Textos do Professor Vítor Serrão sobre as telas e algumas notas.

Breves Notas sobre a Igreja de S. Miguel de Acha (séculos XIV-XIX)

Convento de Santo António de Idanha-a-Nova da Província Capucha da Soledade

Telas fotografadas pelo Professor Vítor Serrão figs. 1-8, páginas dos livros de Luís Bivar e António Silveira Catana figs. 9-15

Auto do inventário de extinção do Convento Franciscano de S. António de Idanha-a-Nova

AS SETE TELAS DO ALTAR-MOR DA IGREJA MATRIZ DE S. MIGUEL DE ACHA

O texto e as fotos que se seguem, foram publicadas no Facebook em 1 de Junho de 2019 e são da autoria do Professor Vítor Serrão¹, aquando da sua visita ao Altar-mor da Igreja Matriz de S. Miguel de Acha do Concelho de Idanha-a-Nova. As referências são da nossa autoria.

“SURPRESAS QUE TRAZ A RAIA BEIRÃ

O património cultural deste país continua a ser um generoso cadinho de enlevos. Quanto existe ainda, sobrevivente às agruras do tempo, que aguarda reconhecimento e estudo!

Na quente manhã de ontem, por causa do projecto 'Ordo Christi'², em que o ARTIS³ participa, tive ensejo de visitar a aldeia de São Miguel de Acha, e de admirar na igreja um retábulo epimaneirista⁴ com sete telas⁵ de altíssima qualidade plástica. A sua presença surpreende, tanto ou mais por se tratar de um modesto templo rural... A obra veio do extinto convento de Santo António de Idanha-a-Nova⁶, fundado em 1630 pela Província capucha da Piedade e tem toda uma história para se pesquisar.

O que se impõe mesmo a qualidade das sete telas, de meados do século XVII, dominadas por forte naturalismo proto-barroco⁷, com desenho correctíssimo, 'aberturas' cromáticas e lumínicas e pessoalismos de estilo, que mostram conhecimento das correntes pictóricas de Castela e da Andaluzia (e que, por tudo isso, exigem conservação e restauro). Nada se adianta, para já, sobre hipóteses autorais: trata-se de pintor, obviamente um mestre do «centro», de bitola muito acima da mediania. Além da belíssima 'Santa Úrsula⁸ e as Santas Mártires', e da 'Santa Madalena

¹ Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde dirige o centro de investigação ARTIS-Instituto de História da Arte (ARTIS-IHA-FLUL). Dedicar-se à área de História da Arte da Idade Moderna (coincidência nos estudos da pintura portuguesa dos séculos XVI, XVII e XVIII), e às áreas da Teoria da Arte e da Imagem, Iconologia e Gestão Integrada do Património Cultural.

² Ordo Christi - Património Artístico da Ordem de Cristo entre o Zêzere e o Tejo (séc. XV e XVI).

³ ARTIS – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

⁴ O (epi)Maneirismo era visto como um subproduto do Renascimento, não passando os seus intérpretes de artistas menores que não conseguiam atingir a grandeza formal dos seus antecessores, no caso destas telas o autor desconhecido, segundo o Prof. Vítor Serrão, é “obviamente um mestre do «centro», de bitola muito acima da mediania”.

⁵ O Altar-mor possui sete telas incluindo a do sacrário. No presente trabalho só uma das telas superiores foi fotografada, a de S. João Evangelista em Patmos do lado direito de frente para o Altar-mor. A do lado esquerdo que representa S. João Baptista no deserto não foi fotografada, bem como a da porta do sacrário.

⁶ Cf. livro, Convento Santo António de Idanha-a-Nova, António Silveira Catana, pp. 38-39, 46, 126. Em relação à Província, em 1668 o convento passou para a Província da Soledade, ver nota 13.

Um outro autor informa sobre a sua fundação, “Um convento de franciscanos se fundou no sítio onde ainda hoje está a capelita da Senhora das Dores (Alto Ferreiro) e a primeira pedra deste convento foi lançada por Frei Custódio da Guarda... que possivelmente, teria sido 1º. Prior da pequena comunidade franciscana”. Cf. livro, A Vila de Idanha-a-Nova: Monografia Descritiva e histórica, Firmino Crespo, p. 68-69.

⁷ “A tese A Pintura Proto-Barroca em Portugal, 1612-1657 pretende comprovar a modernidade da actividade pictural realizada entre nós durante a primeira metade do século XVII...”, cf. Vítor Serrão, disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/648>. Consultado em 6 Julho 2019.

⁸ Santa alemã de Colónia, no Brasil existe a Ordem de Santa Úrsula fundada por Santa Ângela de Merici em 1535.

arrependida⁹, uma das telas pequenas, junto ao sacrário, mostra a caracterizada effigie de uma senhora orante, talvez a doadora da obra¹⁰. O retábulo¹¹ terá sido contratado e custeado por Domingos (?) Giraldes de Andrade¹², capitão-mor de Idanha-a-Nova e Comendador da Ordem de Cristo (importa voltar, pois, a velhas crónicas e aos livros notariais da Idanha...).

Enfim, belas coisas a investigar, já ontem assinaladas por mim e Teresa Desterro no 3º Seminário 'Do Zêzere ao Tejo. Marcas do Património Artístico da Ordem de Cristo', que decorreu na Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco. Sim, apesar da sua congénita e gravosa des-memória, o nosso país continua a ser, em termos de património artístico, um cadinho de surpresas.”

Segundo texto do Professor Vítor Veríssimo Serrão sobre as telas que integram o retábulo da Igreja de S. Miguel de Acha¹³

“AINDA AS TELAS DE S. MIGUEL D'ACHA. As sete telas integradas no retábulo da igreja de São Miguel d'Acha são, como já aqui atestei, do melhor que subsiste, quanto a pintura antiga, no

⁹ Maria Madalena foi a primeira “testemunha” e a ‘anunciadora’ da ressurreição de Cristo. A 10 de junho de 2016 o Vaticano elevou a memória de Santa Maria Madalena a festa litúrgica e dedicou-lhe um prefácio [da oração eucarística], passado a ser considerada ‘apostola dos apóstolos’.

¹⁰ “A Virgem Maria orante (junto ao sacrário) - e não uma doadora, como inicialmente pensei... A figura tem nimbo, é a Virgem, e tem do lado oposto do sacrário Jesus Cristo flagelado, com o lírio [é opinião generalizada que se trata de S. José]. Pintura de c. 1635, encomenda do Cónego português João Marques da Cruz. Muito boa pintura dentro dos cânones do Naturalismo tenebrista proto-barroco”.

¹¹ Segundo António Silveira Catana, no livro sobre o Convento de Santo António de Idanha-a-Nova, “a capela-mor foi às custas do Reverendo Cónego da Sé do Porto, João Marques da Cruz, natural desta vila de Idanha-a-Nova”. Fig.12, p. 38.

¹² Domingos Giraldes de Andrade foi Capitão-mor de Idanha-a-Nova, Guarda-mor da mesma Vila, recebeu o Morgado dos Giraldes, teve carta de brasão de armas e era Fidalgo da Casa Real. O solar dos Giraldes em Idanha era seu património, cf. ‘A Casa da Graciosa’, Luís Bivar Guerra, pp.164-165.

Segundo Firmino Crespo, “...do solar Graciosa mantém-se uma inscrição em latim, a meio da parede, que marca a data aproximada, da construção deste solar. A placa, ou inscrição, deve ter sido afixada, ali, no ano de 1611, por um descendente da família, de nome Domingos Marques Giraldes, que teria remodelado o edifício primitivo do século XV (ano de 1458) erguido no reinado de Afonso V de quem o titular Afonso [Giraldes] era vassalo de fidalgo (?) da casa real... Teria sido, portanto, Afonso Giraldes, antepassado dos actuais marqueses da Graciosa, quem ergueu (erexit) o solar”. Cf. ‘A Vila de Idanha-a-Nova: Monografia Descritiva e Histórica’, Firmino Crespo, p. 50-51.

Foi possível verificar ainda que em 1606 foi nomeado, por Filipe III de Espanha (II de Portugal, 1598-1621), Comendador da Ordem de Cristo e Alcaide-mor da Vila de Idanha-a-Nova D. Pedro Alcáçova Carneiro, filho de D. António de Alcáçova Carneiro e neto de D. Pedro de Alcáçova Carneiro (nomeado 1.º conde de Idanha-a-Nova a 10 de Outubro de 1582, no tempo de Filipe II de Espanha (I de Portugal entre 1581-1598) cujo título foi extinto em vida. Cf. Livro do Tombo da Comenda de Idanha-a-Nova (cota IL.122). Disponível na internet: <http://purl.pt/28573/3/#/6-7>. Consultado em 4 Julho 2019. “Já no século XIX volta a aparecer um segundo titular conde de Idanha-a-Nova, nomeado na pessoa, e família, dos viscondes do Outeiro, Jerónimo Trigueiros de Aragão Martel. Como outros, donos de largas terras agrícolas. Os Trigueiros de Aragão Martel se mantiveram em sucessivas gerações na vila idanhense. O título fora concedido por D. Carlos [1889-1908] conforme alvará de 12 Junho de 1892”. Cf. livro, ‘A Vila de Idanha-a-Nova: Monografia Descritiva e histórica’, Firmino Crespo, p. 68.

¹³ O texto foi publicado no Facebook do Prof. Vítor Serrão, em 25/08/2019, com algumas alterações após vários contributos inseridos no mesmo. Consultado no Facebook e disponível em: https://www.facebook.com/search/top/?q=vitor%20serr%C3%A3o&epa=SEARCH_BOX

Distrito de Castelo Branco. A sua superior qualidade plástica constitui um mistério, tratando-se de região afastada dos grandes centros de encomenda do tempo. Ora a leitura do livro 'O Convento de Santo António de Idanha-a-Nova', da autoria de António Silveira Catana (2007), e do manuscrito da 'Crónica da Santa Província de Nossa Senhora da Soledade' de Frei Francisco de São Tiago (1762), vieram-me esclarecer algo mais sobre este intrincado assunto de arte. Passo a saber que essas telas proto-barrocas, vinculadas a um pincel culto e sensível inspirado em modelos do naturalismo castelhano e andaluz, foram encomendadas em 1634. O responsável foi um natural de Idanha, o padre João Marques da Cruz, cónego da Sé do Porto, que em Junho de 1634 «mandou faser o retabolo, e dourá-lo, e pintar os paineis e pinturas que nelle se acham». Ou seja, as telas datam de c. 1635-40 (coincidindo com a cronologia que eu e Teresa Desterro propusemos), faltando agora seguir a pista que conduza à sua identidade precisa: obras encomendadas a um artista do lado espanhol? ou produzidas nos «meios» proto-barrocos do Porto? O convento, que pertencia à Província da Piedade, foi fundado em 1626 e é hoje residência particular do senhor Jerónimo Man-zarra Franco, mantendo parte das estruturas monacais. Algures no século XIX, o retábulo passou para a matriz de São Miguel d'Acha, onde pudemos admirar as sete telas protobarrocas. A pesquisa continua, pois, e a recomendação de restauro das telas mantém-se como prioridade científica, com hipótese de as duas grandes poderem conter assinatura. Cumpre-me agradecer a Ricardo Silva, a Joaquim Candeias da Silva e a António Silveira Catana as preciosas pistas que me conduzem agora ao nome do mecenas e que poderão, de seguida, esclarecer quem foi o autor destas muito boas telas.

N: Para já, vou ver se existe mais documentação sobre o Cónego Martins da Cruz e se teria feito, no Porto, outras encomendas de arte; é que não se pode descartar que aí escolhesse, pelo menos, o entalhador e o dourador do retábulo que ofereceu ao convento da sua Idanha. (Quanto às telas, continuo com o 'feeling' de serem espanholas... a investigação prossegue)".

Breves Notas sobre a Igreja de S. Miguel de Acha (séculos XIV-XIX)

Em 1316, no papado de Clemente V, foi efetuada apresentação à Igreja vacante de S. Miguel de Acha, do bispado da Guarda, o novo vigário, “Neste prazo compareceu pessoalmente diante de mim [Lourenço Domingues, tabelião público de Santarém] o dito Lourenço Martins [clérigo da diocese de Lisboa], não comparecendo ninguém da parte contrária que se opusesse contra a apresentação a si feita da referida Igreja pelo Ilustríssimo senhor D. Dinis, Rei de Portugal e do Algarve por graça de Deus, verdadeiro patrono da dita Igreja, ou contradissesse de algum modo a mesma apresentação, a qual apresentação a si, conforme mostra a plena fé, feita por carta do dito Senhor Rei”.¹⁴

¹⁴ Cf. documentação da Torre do Tombo, Gavetas, Gaveta XIX, Maço 5, nº 49.

No “(...) ano 1320, 23 maio - bula do Papa João XXII concedendo a D. Dinis, por três anos, para subsídio de guerra contra os mouros, a décima de todas as rendas eclesiásticas do reino, sendo a igreja (Proença-a-Velha) taxada em 223 libras com a Capela de São Miguel de Acha, sendo a comenda da Ordem de Cristo taxada em 170 libras; integra o termo do Monsanto e o bispado da Guarda”.¹⁵

Em 1505, reina D. Manuel I, nas Comendas de Proença-a-Velha e de S. Miguel de Acha, existe breve referência á igreja de S. Miguel de Acha, “...na qual aldeã estaa huã egreia cuja jnvocaçom he Sam Miguel da qual largamente se faz mençom no proçesso das visitaçoões”.¹⁶

Em 1536, reinado de D. João III, há a Visitação das Igrejas do Mestrado da Ordem de Cristo, efetuada por Frei António de Lisboa, entre as quais se encontra a Igreja de S. Miguel de Acha.¹⁷

Voltamos a ter referência sobre a Igreja de S. Miguel de Acha em 1758, no interrogatório Paroquial que pároco, Frei José Ferreira Esteves, respondeu, com uma descrição bastante pormenorizada, “A Igreja matriz está dentro da vila. É Orago o Arcanjo São Miguel, tem quatro altares: o Altar-mór em que está erecta a Irmandade das Almas sujeita ao ordinário deste Bispado: o Altar de Nossa Senhora do Rosário, o do Divino Espírito Santo e o de Santo António”.¹⁸ E continua a dar pormenores sobre a Vila.

A fachada principal da Igreja exhibe, em pedra trabalhada, a data de MDCCLIX e na Torre Sineira a data de MDCCI.

O livro da Corografia Portuguesa e Descrição Topográfica do Famoso Reino de Portugal, Tomo II, 1708, p.405, informa: “S. Miguel Dacha, Vigayraria da Ordem de Chrif-to, aprefenta a Mefa da Confciencia, tem 220 vizinhos, & quatro Ermidas, & hum Juiz ordinário no civil”.

Em 1811, após a terceira invasão francesa, 1810-1811, liderada pelo general Massena, reinava D. Maria I, o Vigário Frei Jacinto Ferreira colocado na Igreja Matriz da Vila de S. Miguel de Acha, faz a relação exata dos seus pequenos fregueses proprietários ‘singeleiros’ da Vila de São Miguel de Acha, Freguesia de São Miguel Arcanjo, que perderam os seus bois ao serviço dos exércitos.¹⁹

Reinava D. Maria II, em 1842 o Vigário de S. Miguel de Acha, Frei Nuno Esteves Barbado, defende a petição de S. Miguel de Acha na criação de um novo Concelho em colaboração com as

¹⁵ Disponível em: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4804. Consultado em 5 Julho 2019.

¹⁶ Cf. livro de Hormigo, M. (1980). Comendas de Proença-a-Velha e de S. Miguel de Acha em 1505: Lisboa, BNP (cota H.G. 43924 V.).

¹⁷ Arquivo da Torre do Tombo, código de referência: PT/TT/OCCT/B/003/0268, cota atual: Ordem de Cristo e Convento de Tomar, liv. 268, pp. 121-124.

¹⁸ Arquivo Nacional da Torre do Tombo, código de referência PT/TT/MPRQ/13/1, cota atual: Memórias paroquiais, vol. 13, nº 1, p. 1.

¹⁹ Arquivo da Torre do Tombo, código de referência PT/TT/CLNH/0027/40, cota atual Condes de Linhares, mç. 27, doc. 40.

freguesias de Proença-a-Velha e Aldeia de Santa Margarida, sendo proposto S. Miguel de Acha para sede do mesmo, atesta que a freguesia tem 274 fogos.²⁰

CONVENTO FRANCISCANO DA PROVÍNCIA CAPUCHA DA SOLEDADE



Estrutura dos Franciscanos Capuchos em Portugal²¹

Como se referiu nas anotações, segundo Firmino Crespo, o Convento dos Franciscanos de Santo António foi fundado em Setembro de 1630, onde está a Capela da Senhora das Dores, Alto Ferreira, (ver Pinho Leal, Dicionário de Portugal Antigo e Moderno, 1874).

O Professor Vítor Serrão data também a fundação do convento no seu primeiro texto em 1630, mas no segundo ratifica a data para 1626.

Contudo o livro da Corografia Portuguesa e Descrição Topográfica do Famoso Reino de Portugal, Tomo II, 1708, p.413, descreve em Idanha-a-Nova: “(...) hum Convento da invocação de S Antonio de Piedofos, no qual lançou a primeira pedra o Provincial Frey Cuftodio da Guarda aos 2. De Setembro de 1630. & fe fez com efmolas do povo”.

²⁰ Arquivo Histórico do Ministério das Obras Públicas (MOP), Comissão de Estatística e Cadastro do Reino, CECR 9.

²¹ Em 1668 no Convento de Santo António de Idanha-a-Nova passou da Província da Piedade para a Província da Soledade, de acordo com Património arquitetónico – Edifícios Conventuais Capuchos, “Em 1668, demarcaram-se destes alguns conventos, dando origem a uma nova Província, a da Soledade (v. anexo B), aprovada pelo Papa Clemente IX (1667-1669)

A primeira pedra deste convento foi lançada por Frei Custódio da Guarda e que possivelmente, ainda segundo o autor, o mesmo teria sido o primeiro prior daquela pequena comunidade franciscana (Crespo, 1985, pp.68-69).

O Convento de Santo António de Idanha-a-Nova até 1668 pertenceu à Província da Capucha da Piedade e a partir daquela data até à sua extinção à Província da Capucha da Soledade.

Segundo o Dr. António Silveira Catana, a capela-mor deveu-se a oferta do Cónego da Sé do Porto, natural de Idanha-a-Nova. No livro transcreve informação de Frei Francisco de Santiago²², “Ele (Cónego João Marques da Cruz) mandou fazer o retábulo de dourá-lo, pintar os painéis e pinturas que nele se acham” (Catana, 2007, p.38). O Professor Vítor Serrão data a encomenda do retábulo, painéis e pinturas em 1634.

Da informação que o mesmo recolheu sobre a vinda do Altar-mor do Convento Franciscano de Santo António de Idanha-a-Nova para a igreja de S. Miguel de Acha, a fonte é oral, “Segundo a tradição oral e, conforme refere Jaime Lopes Dias²³, esse precioso altar foi parar e ainda bem, após a extinção das Ordens Religiosas, em 1834, à Capela-mor da actual Igreja Matriz de S. Miguel d’Acha onde pode ser observado” (Catana, 2007, p. 38). E ainda, “Jaime Lopes Dias afirma que o altar e o púlpito, este de pau-preto, foram vendidos para a Igreja de S. Miguel d’Acha” (Catana, 2007, p. 46).

De acordo com o Professor Vítor Serrão, “Algures no século XIX, o retábulo passou para a matriz de São Miguel d’Acha, onde pudemos admirar as sete telas proto-barrocas”.

Em 25/08/2019 o Professor Vítor Serrão acrescenta um novo comentário sobre o Altar-mor: “O retábulo hoje em [S. Miguel] d’Acha data pois de 1634, ainda que toda a parte central tenha sido alterada c. 1700 para se integrar a tribuna barroca. (...), se fosse como penso um retábulo com duas fiadas sobrepostas, falta pelo menos a tela central da fiada superior, que tinha necessariamente de ser alusiva a Santo António, o patrono do convento. Será que está oitava pintura (de dimensões parecidas aos dois S. Joões, Baptista e Evangelista) ainda se guarda no solar da quinta, hoje do sr. Eng.º Jerónimo Trigueiros de Aragão, onde informação amiga me diz que ainda existem algumas pinturas antigas? Confio muito em que tal possa vir a ser verificado e confirmado. E, quem sabe, uma assinatura numa das telas maiores ajude a identificar o artista...?”

Sobre a influência dos frades na população não existe, até agora, informação sobre o a mesma. Firmino Crespo considera que possivelmente a edificação da igreja teria frontaria barroca. Em 1834, já no final das lutas liberais, o então Ministro da Justiça, Joaquim António de Aguiar (que ficou com a alcunha do “Mata Frades”), redigiu o texto do Decreto de extinção das Ordens Religiosas assinado por Pedro IV de Portugal. Os bens secularizados foram incorporados na Fazenda

²² Santiago, Frei Francisco de, Obr. Cit., pp. 342 (conforme citação bibliográfica do autor).

²³ Dias, Jaime Lopes, *Semanário Povo de Idanha*, de 22 de Junho de 1916, pp. (conforme citação bibliográfica do autor).

Nacional, à exceção dos vasos sagrados e paramentos que seriam entregues aos ordinários das dioceses.

Após o encerramento do convento o autor informa que este foi adquirido pela família Manzarra, alterando o seu figurino monástico (Crespo, 1985, pp. 68-69).

Fotos das Telas



Figura 1. 'Santa Úrsula e as Santas Mártires', mestre de meado do século XVII, na predela do antigo retábulo da igreja franciscana de Santo António de Idanha-a-Nova, que após a exclaustração passou para a igreja matriz de São Miguel de Acha (distrito de Castelo Branco). Foto e texto de Vítor Serrão.



Figura 2. 'Santa Maria Madalena', de meado do século XVII, na predela do antigo retábulo da igreja franciscana de Santo António de Idanha-a-Nova, que após a exclaustração passou para a igreja matriz de São Miguel de Acha (distrito de Castelo Branco). Foto e texto Vítor Serrão.



Figura 3. “Aspecto geral do antigo retábulo epimaneirista da igreja franciscana de Santo António de Idanha-a-Nova, de meado do século XVII (com a parte central modificada com a posição da tribuna setecentista). O conjunto, após a ex-clausuração passou para a igreja matriz de São Miguel de Acha (distrito de Castelo Branco), onde se encontra, com sete magníficas telas proto-barrocas, fotos e texto Vitor Serrão. Destaque para a imagem de Nossa Senhora da Conceição”.

Texto de Vítor Serrão em 25/08/2019

Pormenor do retábulo ordenado em 1634 pelo cónego da Sé do Porto João Marques da Cruz (cujo nome próprio explica a escolha dos temas das telas maiores, S. João Evangelista e S. João Baptista...): perguntei-me logo, ao ler o doc. em que o cónego ordena as obras, se na cidade do Porto, nesses anos, podia haver quem pintasse telas como estas, e a resposta é não. No Porto, trabalhavam então, c.1630-40 gente como Gonçalo Coelho, Inácio de Figueiroa e Nicolau Correia de Madureira, todos maneiristas retardatários. Nenhum poderia pintar peças tão evoluídas de estilo...



Figura 4. São João Evangelista em Patmos, uma das telas maiores; a outra, do lado oposto, é de S. João Baptista no deserto. Foto e texto Vítor Serrão.



Figura 5. A Virgem Maria orante, pintura de meado do século XVII, na predela do antigo retábulo da igreja franciscana de Santo António de Idanha-a-Nova, um retábulo epimaneirista que após a exclausuração passou para a igreja matriz de São Miguel de Acha (distrito de Castelo Branco). Foto e texto Vítor Serrão.

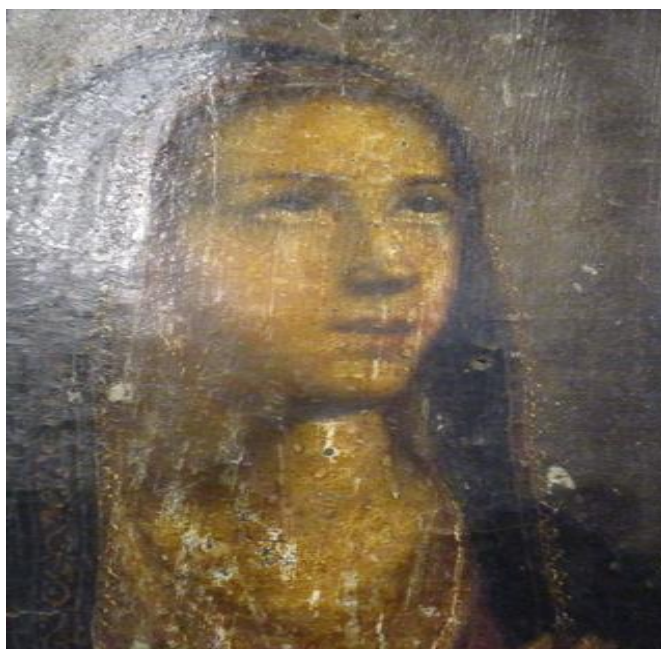


Figura 6. Pormenor da cabeça de Senhora orante, na predela do antigo retábulo da igreja franciscana de Santo António de Idanha-a-Nova, que após a exclausuração passou para a igreja matriz de São Miguel de Acha (distrito de Castelo Branco). Foto e texto Vítor Serrão.



Figura 7. 'Jesus Cristo com ramo de açucenas', de meado do século XVII, na predela do antigo retábulo da igreja franciscana de Santo António de Idanha-a-Nova, que após a exclausuração passou para a igreja matriz de São Miguel de Acha (distrito de Castelo Branco). Doto e texto de Vítor Serrão.



Figura 8. Pormenor de uma das telas, de meado do século VII, na predela do antigo retábulo da igreja franciscana de Santo António de Idanha-a-Nova, que após a exclausuração passou para a igreja matriz de São Miguel de Acha (distrito de Castelo Branco). Foto e texto de Vítor Serrão.



Figura 9. Sola dos Giraldes de Idanha-a-Nova. Foto do livro “A Casa da Graciosa” de Luís Bivar Guerra



Fig.10. Solar Graciosa à esquerda, mesmo que solar dos Giraldes, do livro “A Vila de Idanha-a-Nova, Monografia Descritiva e Histórica”, Firmino Crespo.

genealógico que sobre os Giraldes existe no Arquivo da Casa da Graciosa ⁽¹⁰⁶⁾, págs. 14 a 16.

- 5— D. Constança Nunes Giraldes, 1.ª mulher de João Marques «o Velho», cuja descendência vai tratada adiante no § 20.

V— BARTOLOMEU NUNES GIRALDES, sucedeu a seu pai e foi portanto o 4.º Administrador do Morgado dos Giraldes, em Idanha-a-Nova.

El-Rei D. Sebastião para dar unidade militar às Milícias da Infantaria que existiam na Vila de Idanha-a-Nova, ampliou-as de duas para cinco e criou o cargo de Capitão-mor da mesma vila, para o qual foi nomeado este Bartolomeu Nunes Giraldes.

Casou com D. Catarina Marques Giraldes, filha de João Marques «o Velho» e de sua 2.ª mulher D. Inês Giraldes, os quais vão tratados no § 15, n.º IV.

Deste casamento ficaram dois filhos:

- 6— Domingos Marques Giraldes, que segue.
6— Marçal Nunes Giraldes, que segue no § 3.º.

VI— DOMINGOS MARQUES GIRALDES, conjuntamente com a grande fortuna de seu pai, herdou o cargo de Capitão-mor de Idanha-a-Nova, vila de que foi também Guarda-mor. Serviu durante os reinados dos Filipes e depois de El-Rei D. João IV. Como sucessor de seu pai, recebeu o Morgado dos Giraldes de que foi o 5.º Administrador. Teve carta de brasão de armas e era Fidalgo da Casa Real.

No ano de 1611 acrescentou o morgadio dos Giraldes de Idanha-a-Nova com muitos bens livres ⁽¹⁰⁷⁾ que herdara e outros que adquirira. Em comemoração deste facto que veio avultar extraordinariamente os bens que constituíam o vin-

⁽¹⁰⁶⁾ Núcleo documental de Idanha-a-Nova.

Uma filha única deste casal foi mulher de Fernão de Andrade Caivo que em testamento de 1589, instituiu um morgadio em Monsanto, conforme se verá na l.ºvora 12.

⁽¹⁰⁷⁾ Entre elles a quinta do Espírito Santo.

Figura 11. Bartolomeu Nunes Giraldes e filho Domingos Marques Giraldes do livro “A Casa da Graciosa”, Luís Bivar Guerra, p. 164.

culo, mandou colocar na parede das Casas Nobres e solarengas de Idanha-a-Nova, a seguinte legenda:

«POSTEQUE EUM AUXIT INJUNCTIS
ET ELIIS BONIS DOMINICUS MAR-
QUES GIRALDES DOMUS REGIAE
VIR PATRICIUS ET DUX MAJOR
HOJUS OPPIDI — AN Dni. MDCXI».

que traduzo: «Também depois eu acrescentei com os bens dispersos e afastados, Domingos Marques Giraldes, Fidalgo e Capitão-mor desta Vila — Ano do Senhor de 1611».

Casou em 1634, na Idanha-a-Nova ⁽¹⁸⁸⁾, com sua parente D. Catarina Nunes Giraldes, filha de Pero Vaz e de Perpétua Nunes, aos quais me refiro no § 5.º sob o n.º IV.

Deste casamento ficou um único filho:

7 — Francisco Marques Giraldes, que segue.

VII — FRANCISCO MARQUES GIRALDES, filho único e sucessor de seus pais, foi o 6.º Administrador do Morgado dos Giraldes, Capitão-mor de Idanha-a-Nova, Cavaleiro da Ordem de Avis. Teve carta de brasão de armas ⁽¹⁸⁹⁾ e o Offício de Juiz dos Orfãos da sua terra natal, por dote de sua 2.ª mulher.

Foi duas vezes casado, a 1.ª com sua prima D. Beatriz Giraldes, filha do Licenciado Bartolomeu Giraldes e de sua mulher D. Catarina Afonso Giraldes aos quais me refiro no § 3.º; a 2.ª vez em Idanha-a-Nova a 24 de Junho de 1635 ⁽¹⁹⁰⁾,

⁽¹⁸⁸⁾ Livro dos Mixtos da freguesia de Idanha-a-Nova, a folhas 196 verso, onde ele é tratado apenas por Domingos Marques e ela por Catarina Nunes, uso bem da época.

⁽¹⁸⁹⁾ Carta de brasão que não apareceu no Arquivo da Casa da Graciosa mas a que alude no seu trabalho o Padre Marques Giraldes. Nela, por erro, lhe foram concedidas as armas dos Giraldes italianos: de prata, leão de negro coroado de ouro. A errada concessão deve ter tido origem na confusão dos antigos heraldistas que escreviam Geraldês em vez de Giraldes e como estes da Idanha se apellidavam de Giraldes, concederam-lhe o brasão dos Giraldes de Itália. O Padre Marques Giraldes, no seu livro de Memórias, bem o faz notar.

⁽¹⁹⁰⁾ Livro 1.º de Casamentos de Idanha-a-Nova, 1635, Folhas 10 verso.

Figura 12. Inscrição na parede da casa dos Giraldes e Francisco Marques Giraldes, filho de Domingos Giraldes, do livro "A Casa da Graciosa", Luis Bivar Guerra, p. 165.

A maioria dos Conventos, quando eram erigidos, era com a forte ajuda de um Padroeiro que custeava grande parte das despesas da construção do mesmo. Neste caso, como atrás temos referido, foi com as esmolas do povo e o contributo da Câmara Municipal, como se depreende de ambos os documentos régios acima citados. Pela descrição da mesma Crónica, ficámos a saber que só a capela-mor da Igreja foi às custas do Reverendo Cónego da Sé do Porto, João Marques da Cruz, natural desta vila de Idanha-a-Nova, cujo nome ainda hoje está bem visível, sobre a lápide do fundador, existente ao centro na dita capela-mor. Mais se refere quanto ao instituidor do morgado do Padroado da capela-mor do Convento, em 07.04.1634, que:

"Ele (Cónego João Marques da Cruz) mandou fazer o retábulo e dourá-lo, pintar os painéis e pinturas que nele se acham. Deu um cálice, a Custódia, e ornamentos de todas as cores para o serviço da mesma Capela, por cujo motivo se lhe deu o Padroado dela. Ele com esse intuito a fez e fez nela o jazigo para a sua sepultura e seus sucessores e herdeiros, o qual jazigo é um famoso carneiro (=subterrâneo onde se guardavam cadáveres) com dois túmulos e um de uma parte e outro de outra com um altar de pedra no meio com uma cruz também de pedra. Aí foram sepultados dois irmãos do dito Cónego e uma filha de um dos tais irmãos e outros."⁽³⁶⁾

Os frades que faleceram nesta casa monástica, enquanto esta esteve em actividade, foram sepultados no dito carneiro, sito na Capela-mor da Igreja Conventual ou no claustro.

Segundo a tradição oral e, conforme refere Jaime Lopes Dias, esse precioso altar foi parar e ainda bem, após a extinção das Ordens Religiosas, em 1834, à Capela-mor da actual Igreja Matriz de S. Miguel d' Acha onde pode ser observado.⁽³⁷⁾

36 Santiago, Frei Francisco de, *Obr. Cit.*, pp. 342.

37 Lopes Dias, Jaime, *Semanário Povo de Idanha*, de 22 de Junho de 1916, pp.

Figura 13. Texto do livro *Convento Santo António de Idanha-a-Nova*, António Silveira Catana, p. 38



z. Altar-mor da Igreja Matriz de S. Miguel d'Acha

O dito Cônego comprometeu-se ainda a entregar, anualmente e para sempre, quinze alqueires de trigo para as hóstias que seriam entregues, em 29 de Setembro, dia de S. Miguel, quinze almudes de vinho para as Missas, entregues metade, em 25 de Dezembro, dia de Natal, e a outra metade no dia 24 de Junho, dia de S. João Baptista, e seis alqueires de azeite destinados à lamparina do Santíssimo Sacramento, entregues no primeiro dia da Quaresma.

Tinha ainda o Convento de receita anual entregue pela Câmara, quarenta mil réis, para se gastarem no que fosse necessário, sete mil réis para a compra de um porco e nove mil e seiscentos réis para a botica, destinada à cura dos Religiosos enfermos.

Pelo cronista, Frei Francisco de Santiago, sabemos que foi sucessor no Padroado da Capela-mor da Igreja deste Convento, seu primo, o Rev.º Leonardo Marques da Cruz, abade de Silva Escura, Concelho da Maia, que faleceu, em 12 de Janeiro 1697, e que por sua morte deixou para a

Figura 14. Altar-mor S. Miguel de Acha, texto do livro Convento Santo António de Idanha-a-Nova, António Silveira Catana, p. 39.

Por informações via tradição oral presume-se que a Imagem de Nossa Senhora e do Divino Espírito Santo (Pai Eterno) de madeira, ambas existentes actualmente, na Igreja do Espírito Santo desta Vila, devam também ser oriundas do dito Convento.



33. Pai Eterno do Ex-Convento de Santo António.

Assim como atrás referimos, o altar-mor da Igreja Matriz de S. Miguel d'Acha e os altares laterais da Igreja da Misericórdia também deveriam ter sido pertença do mesmo.

Para melhor nos apercebermos da actividade evangelizadora dos Frades Franciscanos, nestas terras arraianas das Idanhas, é pena que seja muito rara a documentação existente nos Arquivos das Misericórdias e das Paróquias, durante o período de vigência do Convento. Nos livros de receita e despesa das mesmas deveriam constar as importâncias pagas pelas celebrações em que participaram os frades do Convento, nomeadamente na Semana Santa.

Apenas conseguimos descortinar o seguinte:

No Inventário atrás transcrito, o registo da dívida da Confraria das Almas de Idanha-a-Nova pela cerimónia do Aniversário das Almas e um Sermão, na importância de 3480 e a dos juizes de Proença (-a-Velha) pelas cerimónias da Semana Santa, na importância de 6000 reis. Curiosamente, uma apaixonada pelas terras das Idanhas, a distinta investigadora Maria Adelaide Neto Salvado refere quanto à Misericórdia de Medelim, após consultas no Arquivo Municipal de Idanha-a-Nova, ao **"pagamento aos frades do Convento de Santo António de Penamacor, responsáveis pelos sermões da Quaresma. (...) Sendo em 1824 pagos 2400 réis e em 1830, 10.460."**⁽⁹⁹⁾

⁹⁹ Salvado, Maria Adelaide Neto, A Misericórdia de Medelim - apontamentos e lembranças para a sua história, Ed. Câmara Municipal de Idanha, 2002, pp. 38 e 39.

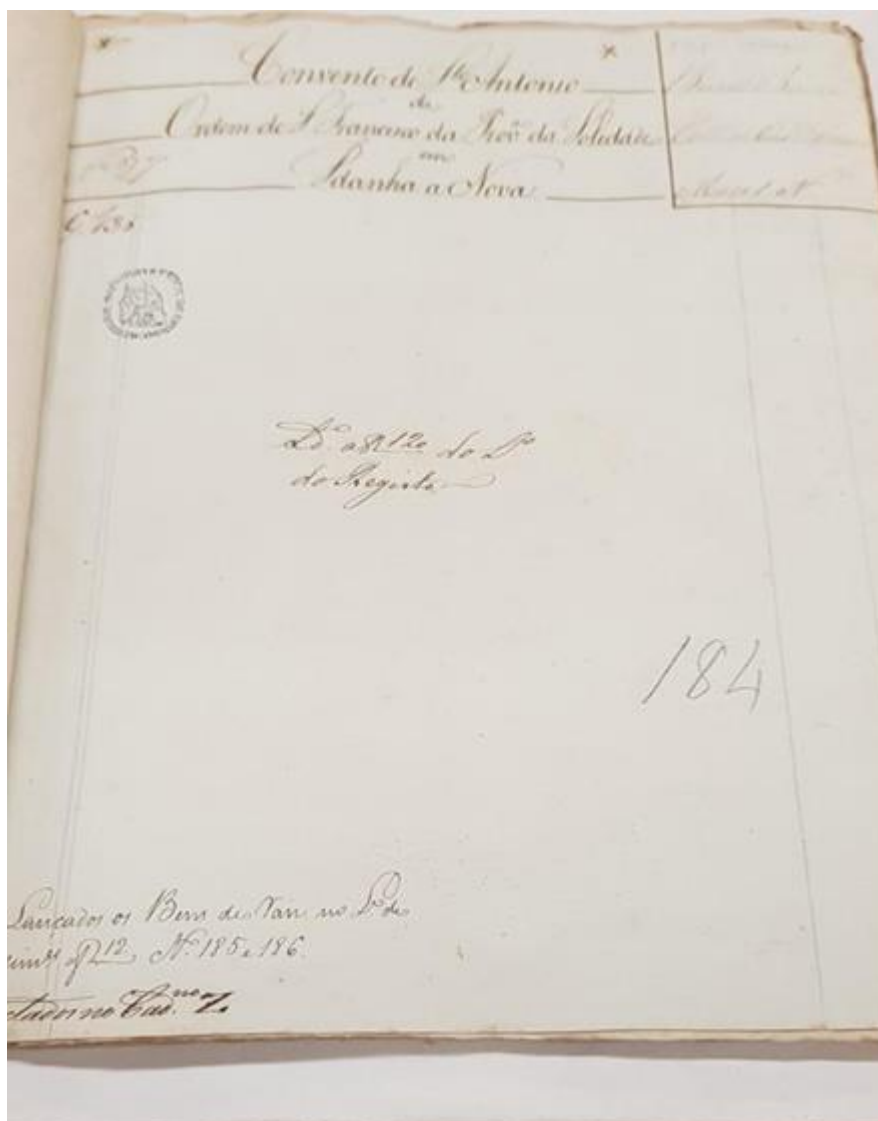
Figura 15. Texto do livro Convento de Santo António de Idanha-a-Nova, António Silveira Catana, p.126.

**AUTO DO INVENTÁRIO DE EXTINÇÃO DO CONVENTO DE SANTO AN-
TÔNIO DE IDANHA-A- NOVA²⁴**

Pesquisa: Torres do Tombo

Código de referência PT/TT/MF-DGFP/E/001/00185

Cota atual: Ministério das Finanças, Convento de Santo António de Idanha-a-Nova, cx.
2220.



²⁴ No auto do inventário que se publica, há uma parte complementar ao mesmo com a quantidade das alfaias litúrgicas e outros bens, que se encontravam no convento e que não foi tirada cópia. O inventário nada diz sobre os retábulos da Igreja do Convento. Este pode ser consultado, já traduzido, no livro sobre o convento do Dr. António Silveira Catana, conforme bibliografia.

* Convento de S ^{to} Antonio *	171 Paralelo
da Ordem de S ^{to} Francisco da Prov ^{ca} da S ^{ta} Felicidade	Com o qual
37 P ^{ma} P ^{ma} a Nova	M ^o et

C. 135



D^o a^o de S^{to} L^o
 de Regente

184

Laçador e Bens de Não no P^o
 em 1712, N^o 185, 186.
 L^o no C^o 7.

Trunka Nov 1834

Inventory of Extremities
of the late Antonio de
Villa de Trunka a Nova

Auto

Anno do Nascimento
de Nosso Senhor Jesus Christo de
mil oitocentos e trinta e qua-
tro annos aos cinco dias do mez
de Julho do dito anno em dita
Villa de Trunka a Nova e para
a memoria de D. Antonio Juan
de Torres desta mesma foy de
seis e seis de D. Pedro de
Nun de sua mandado e a her-
reia de dita Alameda em forma
de loyria e foy de seis e seis
de D. Antonio Juan de Torres
e mandado por sua ex. m. de
o Profeta da Bahia de
tambem para a memoria de
nosso Senhor e do mundo de se

Quando
cessou

Junto de los señores señores, señores
equales - Señores con Venustades de
que al Oficio mandado de este valle
nuestro que se le ha de notificar
al Sr. Coronador Fiscal para tener
por mandado, calificado en el de
mandado de Exento de los
to para bendición de
a devoción de los señores de la
movimiento, Señores, Señores,
Señores, Señores Sagrados, Señores
Sagrados, Señores, Señores,
es mas Obispos pertenecientes,
de este movimiento de la
Responsabilidad, e igualmente
nuestro notificar al Sr. Coronador
Cura de este lugar a Padre
Joaquín Pico de la Sierra para
la Diputación de los Señores Sa-
grados, Señores, Señores,
Obispos pertenecientes a el
Divino mandado para don-
dado de los señores Señores e Ur-
bang movimiento de mandado a
Jose de la Cruz Obispo, los señores
re ca Jose Gomez, Señores, y para
es Señores, es Señores de
Comunidad mandado que se ha
notificado, de que de este mandado

curandam fasset dote dote que
adhibenda est Francisco Ramo,
debreto asiz

Francisco Ramo de Brito

Caen

San se pulmo malisquis
ad Bachant Jon Brito dno
deleguino para tomar juru
semita para servir de Procurador
Real no proximo Ayuntamiento
gran luytas y asie ayuntamiento
que asiguo. Franca a Nov 5
de Julio del 834.

Francisco Ramo de Brito

Doctor Jore Lopez Xute
Juri doctora Procurador de la
reha a Nov 5 de la termino por el
D. Alcaide de S. Pedro de Man
toro Reyente de la Sierra de Ne
me de la Sierra y Reyente de la
de la Sierra de S. Pedro de Man

Segunda que São, guardada
Haver de ser a que se dá a
que sendo o primeiro a ser
por seu compromisso, para as
Extremas de Santa Cruz de
sua dita Villa e a ser notificado
a ser superior ou a quem para
afectar de Inventario a que
noticia de Benavente e a ser
proceder a dita e a ser
homologar de São D. D. e
a ser a ser a ser a ser
Extremas de Santa Cruz de
a ser a ser a ser a ser

Passado em dita Villa de
D. a ser a ser a ser a ser
de Julho de 1834 de Francisco
D. a ser a ser a ser a ser
a ser a ser a ser a ser
a ser a ser a ser a ser

D. a ser a ser a ser a ser
a ser a ser a ser a ser

esta Inocencia todo garantido
fago abren a Tercera Nacional
de los que se han hecho de faga
esta de un numero
Audo por el Tribunal de los
Juramento a fin de apru-
tes faga de que adto e Monito
recomienda faga del termino que
algunos de Francisco Ponce
debrido a los
de los Jefe de los Lucas de Segura



Primo de Juramento a la leyen-
te, Administrador de los bienes

El Dijo en un día de
Exposición de Santo Antonio
de la Villa de Santo Domingo
Vino con el Doctor Juan de
San José López Xisto e hijo de
de juramento a la leyen-
te, Administrador de los bienes
Antonio de Mosteiro e hijo
y de los Monitos de faga
jurado Juramento en Santo

Le grand Procureur Général pour
le Roi de la Cour de Parlement à Paris
par ses Lettres et Signes
de la Cour de Parlement de Paris
pour être averti de la
Régence de la Cour de Parlement

Titre des Vices Royaux

Ordonnance Royale

Sur le Procès de la Cour de Parlement

Sur le Procès de la Cour de Parlement

Sur le Procès de la Cour de Parlement
de la Cour de Parlement de Paris
de la Cour de Parlement de Paris

Sur le Procès de la Cour de Parlement
de la Cour de Parlement de Paris

Titre des Procès de la Cour de Parlement
de la Cour de Parlement de Paris
de la Cour de Parlement de Paris

Procès de la Cour de Parlement de Paris

Referências bibliográficas

- Catana, A.S. (2007). *Convento Santo António de Idanha-a-Nova*, Idanha-a-Nova: Câmara Municipal de Idanha-a-Nova.
- Crespo, F. (1885). *A Vila de Idanha-a-Nova: Monografia Descritiva e Histórica*, Lisboa: Oficina Gráfica.
- Guerra, L.B. (1965). *A Casa da Graciosa*, Braga, SP: Autor.
- Serrão, V. (1992). *A Pintura Proto-Barroca Em Portugal, 1612-1657*. (Dissertação de Doutoramento em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras - Universidade de Coimbra). Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/648/2/Serr%c3%a3o%2c%20V%c3%ador.pdf>. Consultado em: 6 de Julho 2019.
- Vieira, J., Lacerda, M., (2010), (Coord.) Património Arquitectónico Geral – Edifícios conventuais capuchos, *Kits-Património*. Disponível em: http://www.monumentos.gov.pt/site/data_sys/studyanddocuments/normal/kit01.pdf. Consultado a 10 de Junho 2019.